

UM ESTRANHO EM GOA, DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA: UM OLHAR TRANSATLÂNTICO DA IDENTIDADE GOENSE

Um Estranho em Goa (A stranger in Goa) by José Eduardo Agualusa: a transatlantic perspective of the Goan identity

Rita Amorim y Raquel Baltazar

Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas / CAPP (Universidade de Lisboa)
(Portugal)

Um Estranho em Goa (2000), de José Eduardo Agualusa, é um romance que nos transporta ao território indiano de Goa em busca de um *Outro* em reestruturação identitária vindo a revelar-se uma viagem da descoberta da individualidade. Este autor que se faz narrador/personagem apresenta um olhar transatlântico sobre a população Goesa que ao se encontrar em processo de construção da própria identidade cultural, questiona e reescreve o diálogo do «espaço simbólico da lusofonia» (Lourenço, 2001). Esta obra concretiza os hibridismos, aculturações, conflitos próprios de um espaço pós-colonial e a edificação de um povo que todavia anseia pela pátria espiritual. Pertencente ao género de literatura de viagens, o romance questiona a alteridade de um viajante que entrelaça a Índia e a África com Portugal e o Brasil.

Palavras-chave

José Eduardo Agualusa, Estudos Transatlânticos, Literatura de viagens, Identidade, Goa

Um Estranho em Goa («A Stranger in Goa»), by José Eduardo Agualusa (2000), is a novel that takes us to the Indian territory of Goa in search of the Other to restructure identity. It unfolds as a journey on the discovery of individuality. The author becomes the narrator and main character who presents a transatlantic view of the Goan population, also in the process of building its own cultural identity. He questions and rewrites the dialogue of the «symbolic space of Lusophony» (Lourenço, 2001). This novel discloses hybridity and acculturation as characteristic conflicts of a post-colonial space and portrays a people still yearning for a spiritual homeland. Belonging to the genre of travel literature, the novel questions the alterity of a traveler who intertwines India and Africa with Portugal and Brazil.

Keywords

Jose Eduardo Agualusa, Transatlantic Studies, Travel Literature, Identity, Goa

Introdução

José Eduardo Agualusa nasceu em 1960, no Huambo, em Angola, sendo um dos autores de maior sucesso na língua portuguesa. Os seus romances, crónicas, contos e poesias têm sido traduzidos em mais de 25 idiomas e recebido vários prémios literários. À semelhança de outros autores africanos, Agualusa utiliza a escrita como «instrumento de afirmação da identidade» (Azevedo, 2014, p. 132). O autor que estudou em Portugal tem intercalado a permanência entre estes países e o Brasil numa eterna itinerância transatlântica. Escreve para o jornal português *Público*, para a revista portuguesa *LER*, para o jornal brasileiro *Globo* e para o portal angolano *Pé de Angola*, atestando uma identidade acima de tudo lusófona. Nas suas obras, Agualusa recorre frequentemente a este tema da identidade reescrevendo a/história(s) nacionais numa tentativa de compreensão da realidade política, económica, cultural e social. Utilizando o encontro com o Outro desconstrói fronteiras como encontramos em *Passageiros em trânsito* de 2006.

O narrador de *Um Estranho em Goa* (2000), um jornalista de nome José, enquadrando um paralelismo com o nome próprio do autor, afirma: «Escrever acalma-me, devolve-me a confiança, ajuda-me a pensar» (p. 121). Este revela um desencanto emocional com Angola, resumindo um sentimento de rejeição ou de luto pela nacionalidade angolana: «Quanto a mim, qualquer coisa servia, poderia reencarnar numa abóbora ou num gafanhoto, contando que não fosse outra vez em Angola» (p. 45). A complexidade da questão identitária está presente em *Um Estranho em Goa* «que não é nem relato de viagem, nem romance, ou é os dois, a tratar de um personagem que luta ao lado de portugueses e angolanos, ou contra os dois, em uma Goa que não é nem portuguesa nem indiana. Ou é ambas» (Domingues, 2005, p. 106). Trata-se de uma viagem ao território indiano de Goa em que literatura e viagem estão interligadas: «Começo uma história e depois continuo a escrever porque tenho de saber como termina. Foi também por isso que fiz esta viagem» (p. 13). Bakhtin assinala que a literatura de viagens se caracteriza por «mostrar e evidenciar a diversidade estática do mundo através do espaço e da sociedade» (Bakhtin, 1992, p. 223), situação que encontramos em Agualusa.

José, um jornalista angolano, encontra-se empenhado em revelar o passado de Plácido Domingo para um livro que deseja escrever. Este personagem, ex-guerrilheiro da Guerra de Libertação de Angola, ex-comandante do MPLA, ou ex-agente da PIDE, talvez infiltrado da polícia política portuguesa com passagem pela Amazônia vive presentemente em Goa e torna-se a justificação para a sua viagem.

Na procura de Plácido Domingo, o narrador parte também à descoberta do Eu e da sua identidade: «O irlandês quer saber de onde sou. Angola, respondendo, e no instante seguinte já estou arrependido. «Onde fica isso?». Digo-lhe que também não sei, talvez ninguém saiba, suspeito até que não fique em parte alguma» (Agualusa, 2007, p. 26). O próprio Plácido Domingo em diálogo com o narrador reitera que «Angola deixou de me interessar. Está tão longe daqui que por vezes chego a duvidar que realmente exista ou tenha existido um país assim. Penso em Angola como você pensa, eu sei lá, no País das Maravilhas» (p. 50). Enquanto José anseia por uma reencarnação para deixar de ser angolano, Plácido Domingo, rejeita a(s) sua(s) nacionalidade(s) e/ou identidade(s): «Também fui angolano» (p. 47) e «Portugal, aquele Portugal que era a minha pátria, já não existia» (p. 19). Esta pertença a um *não-lugar* (apropriando-nos da designação de Marc Augé (1994) revela uma vivência entre o conflito interno, a memória e o esquecimento, ou seja, entre «o esvaziamento de projecto político e [a] incapacidade de articulação entre tradição e modernidade» (Azevedo, 2014, p. 126). Segundo Azevedo estas questões pertencem a um sistema no qual se é obrigado a viver nos regimes totalitários «que se impõem, após as revoluções, extinguindo as liberdades individuais» (2014, p. 133).

Em Agualusa, esta resistência e sobrevivência da memória como encontramos nas teorias de Walter Benjamin auxiliam o questionamento da própria identidade individual do narrador-viajante. Para o historiador francês Le Goff, «A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro» (2003, p. 477). A construção da memória prende-se com uma lógica de poder, situação que encontramos na prosa de Agualusa. Para o sociólogo Halbwachs (2004), a memória individual existe a partir de uma memória coletiva, uma vez que as lembranças são constituídas no interior de um grupo. Desta forma, a memória deve ser entendida como um fenómeno coletivo, suscetível a transformações e de acordo com a situação política e social do momento. A Goa de Agualusa está repleta de ruínas da presença colonial portuguesa funcionando como um espaço entre-culturas, em mutação, com uma identidade multifacetada. De acordo com o sociólogo Anthony Giddens, nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados perpetuando a experiência de gerações. «A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes» (Giddens, 1990).

Em Goa, o tempo é de reconstrução e o espaço ocupa um papel preponderante, onde o narrador questiona «O que faço eu aqui?» ocorrendo uma descentralização da ficção (ou uma imposição do carácter ficcional do texto a partir de uma meta narrativa) e do próprio leitor:

Há algum tempo que pretendo contar a história de Plácido Domingo. Hesitei em fazer isso antes porque já existe o Plácido Domingo, o tenor, mas nunca me conformei. [...] Escrevi, há alguns anos, um conto que começava assim. Muita gente me perguntou se a história era verdadeira. Costumo insinuar, quando a propósito de outras histórias me colocam idêntica pergunta, que já não sei onde ficou a verdade – embora me recorde perfeitamente de ter inventado tudo do princípio ao fim. Naquele caso fiz o contrário. «Tretas», menti, «pura ficção». Disse isto porque queria encontrá-lo. Inventei um nome para ele, ou nem isso, dei-lhe o nome de outro homem. (Agualusa, 2007, pp. 13-14).

Numa trajetória que cruza uma «perspectiva de contacto» (Mata, 2016, p. 131), acompanhamos José num diálogo cultural e histórico, sintetizando as questões identitárias de um povo fragmentado pelo colonialismo numa narrativa que levanta questões sobre a verdade/ficção como salientámos e onde são utilizadas inúmeras referências a outras obras da autoria de Agualusa, «Dêem-me dois ou três factos, ou nem isso, apenas vagos indícios, e eu construo um romance. Aliás, quanto menos factos melhor, a realidade atrapalha a ficção» (Agualusa, 2007, p. 57).

Para encarnar a realidade angolana, o narrador adquire uma identidade multicultural de matriz Lusa:

Se nos anos da guerrilha da independência, as obras literárias não pareciam dissociadas de uma luta política, pautando-se pela afirmação de uma ideia de nação livre, na atualidade o compromisso do escritor angolano, como o de muitos escritores africanos, se volta para uma solidariedade transnacional. (Salgado, 2000, p. 177).

A Lusofonia em busca do Outro

A Lusofonia é uma terminologia de grande complexidade, uma vez que estamos perante o contexto histórico-social da expansão da língua portuguesa e das consequentes relações de poder. Por outro lado, as questões culturais, políticas e identitárias estão associadas a um universo de falantes do português. O território de Goa pós-colonial é um caso exemplar de mestiçagem, «desde o seu estabelecimento como capital do império português do Oriente, em 1510, até aos dias de hoje, já que lá

subsiste uma sociedade mestiça residual» (Domingues, 2005, p. 106). Em *Um Estranho em Goa*, é-nos apresentada a localidade indiana através da paisagem, clima, vegetação, odores e sabores, aromas e cores. A história, o quotidiano, os hábitos e costumes, as diferenças e os conflitos surgem de encontros do narrador com várias personagens, goeses, imigrantes e turistas. Para Sampaio Melo:

Em 1961, com a ocupação indiana, houve o progressivo apagamento das tradições culturais que Goa mantinha com Portugal. A população goesa, identificada com os valores lusófonos, passou a sentir-se alheia em seu próprio território. Os goeses tiveram que romper os vínculos com Portugal sem que fosse possível identificarem-se com a cultura do dominador indiano. Divididos na pertença a Portugal ou à Índia, os goeses tentam construir sua própria identidade cultural. (2006, p. 111).

O narrador parte em busca da identidade goesa e depara-se com uma crise identitária revelada pelas vozes contrastantes de Sal (o motorista de táxi católico que nasceu na Índia e apenas sabe dizer bom dia em português, mas que se sente português), dos descendentes (membros da velha aristocracia católica goesa que se sentem portugueses e estrangeiros na própria terra), e dos *freedom fighters* (que desejavam a anexação à Índia). Alguns goeses consideram os acontecimentos de 17 de novembro de 1961 como a *invasão* e outros como a *libertação*. A nostalgia pelo passado colonial e a lealdade identitária e cultural ao colonizador coexistem com sentimentos de rejeição e de conflito espelhando a realidade goesa em plena construção identitária. Ao longo da obra, o leitor depara-se com inúmeras referências históricas à ocupação portuguesa e posteriormente indiana revelando os contornos da fraturação identitária dos goeses: «A verdade, porém, é que a Índia, tal como existe, é uma criação dos ingleses, da mesma forma que Goa foi uma criação dos portugueses» (Agualusa, 2007, p. 154).

Sendo Goa um pequeno território situado na costa oeste da Índia, onde coabitam indianos, descendentes de portugueses, mestiços de origem portuguesa ou portugueses nascidos na Índia e onde ainda se fala e ensina português estamos perante uma miscelânea identitária. Na Goa colonial, os goeses que se sentiam e autodenominavam descendentes, mas que eram apelidados de mestiços, desejavam ser mais portugueses que os próprios lusos. Na atualidade, os goeses encontram-se divididos entre a herança cultural, linguística, religiosa e o passaporte no qual se diferenciam os que recusaram e os que apoiaram a integração à Índia: «Somos portugueses. Portugueses da Índia. Não temos nada a ver com esta gente» (p. 65). Em *Um Estranho em Goa* alguns velhos goeses continuam a sentir a nos-

talgia desse passado colonial revelando sentimentos de alienamento ou desencaixe: «muitos valorizam determinados factores da herança portuguesa, incluindo a língua, procurando diferenciar-se dos indianos recém-chegados ao território» (p. 113). Uma identidade espartilhada entre os costumes, tradições, língua, religião de um sistema ancestral e da imposição de dois colonizadores: «Goa está a morrer. Não se pode suprimir o passado. A ligação, felizmente, permanece viva devido a este sistema de crenças – na terra, no povo, nos velhos deuses» (p. 38). A identidade goesa encontra-se, desta forma, em mutação e em afirmação, como salienta Rocha:

Os processos de descolonização de Goa e o de sua integração na Índia (1961), que provocaram nos falantes de língua portuguesa, nascidos em uma cultura híbrida (catolicismo, hinduísmo e islamismo) o sentimento de serem estrangeiros na sua própria nação, não possibilitaram evidentemente a sua identificação com os valores do invasor de tradição inglesa. (2017, p. 70).

A luta pela preservação do legado luso, numa sociedade hindu de matriz inglesa (Rocha, 2017, p. 68), separa os *freedom fighters* dos *descendentes dos portugueses* que afirmam: «nós fomos integrados à força nesta grande desordem [...] em apenas vinte e quatro horas mudou-se a língua. A língua era de uma potência colonial e passou-se para a língua de outra potência colonial, a língua inglesa. Imagine o trauma que tudo isto provocou» (Aqualusa, 2007, p. 115). Desta forma transparece a crise identitária de uma minoria lusófona, denominados pelo próprio narrador como órfãos do império português face a uma identidade fabricada pelos portugueses que está em decomposição ou mesmo extinção. Para Sampaio Melo o narrador «parece um estrangeiro em Goa, mas, de fato, ele é mais um irmão entre irmãos» (2006, p. 113) pela sua histórica raiz lusitana. Embora o angolano se depare com uma região diferente da sua, Angola, esta na verdade assemelha-se devido à mesma colonização portuguesa (p. 116). Eduardo Lourenço em *A Nau de Ícaro e imagem e miragem da lusofonia* refere o «espaço simbólico da lusofonia» onde existem diferentes percepções como sendo «um fator contingente de comunicação entre os homens, mas a expressão de sua diferença» (2001, p. 121). Portugal funciona como a «essência genealógica» da língua e não como imposição colonial. Eduardo Lourenço defende que a lusofonia deveria ser pensada como uma «tapeçaria de diversa consistência e trama» (p. 183). Desta forma, em Aqualusa, a matriz linguística do português não surge como uma pressão hegemónica sobre o Outro mas como instrumento ideológico:

Um dos funcionários, na fronteira, estranhou que uma senhora de pele tão clara, falando um português primoroso, lhe apresentasse um passaporte indiano:

–A senhora não é portuguesa?

Chorou:

–Sou portuguesa, sim, meu filho, no coração sou portuguesa.

Mas obrigam-me a usar esta coisa.

A coisa era o passaporte. (Aqualusa, 2007, p. 65).

Uma identidade espartilhada

Segundo Stuart Hall, «as identidades modernas estão sendo descentradas, isto é, deslocadas ou fragmentadas» (Hall, 1996, p. 8). Em *A identidade cultural na Pós-modernidade*, o sociólogo defende que «uma identidade unificada e estável está se tornando fragmentada, composta não de uma, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas» (p. 12). O mesmo encontramos em *Um Estranho em Goa*:

–Hoje sente-se indiano?

–Não, indiano, não, mas às vezes sinto-me goês...

–E português?

–Isso já não sei. O que é um português?

[...]

–Bem antes de mais, suponho, um europeu...

–Os portugueses, europeus? – Riu-se com mansidão. Nunca foram. Não o eram antes e não o são hoje. Quando conseguirem que Portugal se transforme sinceramente numa nação europeia o país deixará de existir. Repare: os portugueses construíram a sua identidade por oposição à Europa, ao Reino de Castela, e como estavam encurralados lançaram-se ao mar e vieram ter aqui, fundaram o Brasil, colonizaram África. Ou seja, escolheram não ser europeus. (Aqualusa, 2007, pp. 50-51).

Aqualusa afirma que a maioria dos escritores africanos escreve sobre a procura pela identidade. Em *Um Estranho em Goa* encontramos também essa viagem interior onde os temas da identidade e da alteridade se encontram desde logo no título. O narrador é o visitante multicultural e ocidental, o estrangeiro, o Outro, para quem Goa é distante, diferente e exótica «cidade remota» (p. 12) recordando-nos da descrição do Outro ocidental de Edward Said em *Orientalismo* (2004). José, vindo de Angola observa o estrangeiro, o Outro, exótico e distante à procura da própria identidade fragmentada, indefinida e fabricada. A partir desta sua bagagem cultural transatlântica e lusófona Mata salienta,

[a]o mesmo tempo que quer conhecer uma história de vida (a de Plácido Domingo) e a história de uma

comunidade (a goesa), quer perceber-se e conhecer o eu. E ao descobrir o outro conhece o eu, que não pertence à comunidade do outro: afinal, José, o narrador-jornalista, reconhece-se como *um estrangeiro em Goa*. (2016, p. 141).

A obra de Aqualusa apresenta a vivência do povo goês entre o dilema de uma identidade multicultural resultante da colonização e da descolonização e que o espartilha entre a aceitação e recusa, afirmação e negação. Aqualusa personifica uma identidade também ela dividida, ainda que transversal à língua portuguesa. A obra resulta numa fusão entre romance e relato ou diário de viagem e numa interligação entre ficção e fatos históricos:

O narrador não viaja em busca de um homem, o que poderia configurar um relato de viagem, mas em busca de um *personagem*, o que já configura a ficção. Com efeito, há no romance dois fios condutores: a procura de Plácido e, depois, já em Goa, a tentativa de aquisição de uma relíquia – o coração de São Francisco Xavier. (Domingues, 2005, p. 109).

A identidade está ligada e condicionada pela lusofonia à qual faz uma apologia. Como afirma Mata, «a coexistência de culturas pressupõe a convivência em interação e, portanto, a existência de uma sociedade multicultural, isto é, uma sociedade em que as diferentes culturas se reconhecem na sua diferença como parte de um mesmo corpo» (2006, p. 290) tratando-se de uma viagem de autodescoberta: «Nos olhos negros, muito abertos, surpreendi a minha própria fugidia imagem. Achei-o de repente igual a mim» (p. 154). Esta procura da identidade, tentando fazer sentido do passado e presente para enfrentar o futuro é comum a toda a obra de Aqualusa, como explica Silva.

A questão da identidade – seja ela relacionada, de forma independente, à língua, à história, à literatura; ou, numa incontornável mescla, a outros elementos – está presente na produção ficcional de Aqualusa desde seus primeiros escritos, mas ganha maior densidade nas obras mais recentes, quando o autor faz desse conceito um dos elementos centrais na sua reflexão acerca da cultura africana lusófona. (2015, p. 132).

Um olhar transatlântico

A procura do sujeito e do seu lugar no mundo expressa-se na ligação à questão identitária e à língua portuguesa como observámos. Segundo Maldonado-Torres «coloniality survives colonialism» (2007, p. 243). A escrita de Aqualusa está impregnada de personagens que se encontram em deslocamentos espaciais numa tentativa de reescrita da própria

identidade. Ao mesmo tempo atualizam o discurso sobre os limites das identidades nacionais e dos diferentes espaços que as configuram. Exemplos destas andanças são a *Nação Crioula* (1997) onde Fradique Mendes (personagem de nome igual à da queirosiana) viaja em Angola e no Brasil. Em *Um Estranho em Goa* verificam-se comparações de culturas e vivências entre Goa e os três países do triângulo transatlântico, Angola, Portugal e Brasil num questionamento entre centro e periferia.

Para escrever *Um Estranho em Goa*, o autor beneficiou de uma bolsa de criação literária concedido pela Fundação Oriente e a publicação da obra pelas Edições Cotovia foi integrada numa série intitulada «Série Oriental Viagens», que de acordo com a editora «Paralela e complementar à Série Oriental (que coloca à disposição dos leitores obras de referência do e sobre o Oriente), [...] regista as impressões que esse mesmo Oriente suscita hoje em dia».

A maior parte dos livros de viagens começa com um mapa tal como ocorre nesta obra. Goa encontra-se assinalada por um monstro que causa alguma «estranheza» tal como a situação do protagonista que se sente um «estranho» naquele território. Acompanhadas ao mapa estão duas epígrafes. Uma de Caetano Veloso, «Onde será que isso começa / A correnteza sem paragem / O viajar de uma viagem / A outra viagem que não cessa?» (p. 11), redireccionando o leitor para essa viagem da identidade que nunca termina. A outra, de Javier Moro, vem confirmar esta mesma jornada na procura do Eu:

Los viajes son una metáfora, una réplica terrenal del único viaje que de verdad importa: el viaje interior. El viajero peregrino se dirige, más allá del último horizonte, hacia una meta que ya está presente en lo más íntimo de su ser, aunque aún siga oculta a su mirada. Se trata de descubrir esa meta, que equivale a descubrirse a sí mismo; no se trata de conocer al otro. (Aqualusa, 2007, p. 11).

Como verificámos, a literatura de viagem, «sets a hardening perception of the foreign as well as of the self into motion again» (Ette, 2003, p. 30). Patrick e Huggan defendem igualmente que a viagem é simplesmente uma desculpa para a procura pessoal do autor: «Perhaps it is best to see travel writing as pseudoethnographic, insofar as it purports to provide a document of, or report on, other peoples and cultures while using them as a backdrop for the authors personal quest» (Patrick & Graham, 2007, p. 12). Os mesmos autores defendem exatamente que a literatura de viagens é de difícil definição revelando-se um género híbrido que cruza várias categorias e disciplinas. Segundo estes, a narrativa de viagens pode consistir numa aventura picaresca, num tratado filosófico, comentário político, parábola ecológica ou mesmo procura espiritual, sendo que todos:

borrow freely from history, geography, anthropology, and social science, often demonstrating great erudition [...]. Irredeemably opinionated, travel writers avail themselves of the several licenses that are granted to a form that freely mixes fact and fable, anecdote and analysis. (Patrick & Graham, 2007, pp. 8-9).

Ette reforça esta mesma posição e argumenta que as relações entre diário de viagem e romance são intensas e complexas: «Both genres, each of them shattered into a multitude of subgenres, are literary hybrid forms, which are able to include the most diverse literary and non-literary text types and fragments» (Ette, 2003, p. 26).

Desta forma, *Um Estranho em Goa* sintetiza este mesmo hibridismo literário e cultural. Com o narrador viajante que interpreta o outro a partir do triângulo, Angola, Portugal e Brasil, encontramos várias passagens que sintetizam essa «transatlântica»:

Havia alguns jovens indianos sacudindo-se em grupo, no meio da pista, numa coreografia que me lembrou a dos índios do Brasil nas suas cerimónias guerreiras para turistas. Acho um pouco melancólico, quase constrangedor, ver dançar um europeu. Os indianos, imitando os europeus, não o são menos. (Aqualusa, 2007, p. 144).

A mesma confluência transatlântica ocorre nos seguintes parágrafos:

Vi formar-se entre os meus dedos a ardência marítima, fenómeno a que no Brasil também se chama buxiqui, provocado pela existência de protozoários de corpo luminescente [...]. O monumento ao Abade Faria, em Pangim, foi inaugurado em 1945. Representa o hipnotizador com os braços estendidos, as mãos hirtas, e uma mulher deitada no chão, aos seus pés, em pleno transe – aquilo a que em Angola se chama de xinguilamento. (Aqualusa, 2007, pp. 44-52).

Considerações finais

O território de Goa é lugar de crise identitária pós-colonial vivida por parte da população goesa que aí se sentem estranhos, deslocados ou espartilhados. Esta viagem a Goa acaba por ser também uma viagem espiritual em que o narrador procura o Eu e revela uma identidade também ela dividida tal como ocorre com outras personagens. A visão do narrador da Goa exótica e dissemelhante é fruto da sua vivência multicultural e transatlântica. Este identifica-se com os goeses já que se sente um irmão, alguém que partilha com eles a identidade Lusa fruto de um passado colonial. O autor transporta para o Oriente as questões que normalmente se

centram no espaço transatlântico, porque a língua e a presença portuguesa, lusa e lusófona se expandiu (e retraiu) para lá do Atlântico. Desta forma, o conceito referido anteriormente, «coloniality survives colonialism» por Maldonado-Torres, revela-se pertinente, uma vez que as personagens presentes neste ultra-transatlantismo entrelaçam a Índia e a África com Portugal e o Brasil e experienciam deslocamentos espaciais numa tentativa de reescrita da própria identidade. Contudo atualizam esse mesmo discurso sobre os limites das identidades nacionais e dos diferentes espaços que as configuram.

Fontes e bibliografia

- Aqualusa, J. E. (1997): *Nação Crioula*. Lisboa: Quetzal Editores.
- (2006): *Passageiros em Trânsito*. Lisboa: Quetzal Editores.
- (2007): *Um Estranho em Goa*. Lisboa: Biblioteca Editores Independentes.
- Augé, M. (1994): *Não-lugares: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*. (L. Mucznik, trad.). Lisboa: Bertrand.
- Azevedo, V. (2014): «Memória e esquecimento: a reconstrução da identidade angolana na ficção de José Eduardo Aqualusa», *Mulemba*, v. 1, n. 11, pp. 126-140. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Bakhtin, M. (1992): «O romance de educação na história do realismo», *Estética da criação verbal*. (M. E. Pereira, trad.), pp. 221-276. São Paulo: Martins Fontes.
- Benjamin, W. (2003): «On the Concept of History», *Walter Benjamin, Selected Writings*. (E. Jephcott [et al.], trad.), vol. 4 (1938-1940). Cambridge: Harvard University Press.
- Domingues, E. L. (2005): «Seis olhares sobre um estranho em Goa», *Niterói*, n. 19, pp. 105-122.
- Ette, O. (2003): *Literature on the Move*. (K. Vester, trad.). Amsterdam/New York: Rodopi.
- Giddens, A. (1990): *The Consequences of Modernity*, pp. 37-38. Cambridge: Polity Press.
- Halbwachs, M. (2004): *A memória coletiva*. São Paulo: Edição Centauro.
- Hall, S. (1996): «Cultural Identity and Diaspora», *Contemporary Postcolonial Theory*, pp. 110-121. London: Hodder Arnold.
- Le Goff, J. (2003): *História e memória*. Campinas: Ed. Unicamp.
- Lourenço, E. (2001): *A nau de Ícaro e imagem e miragem da lusofonia*. São Paulo: Cia. das Letras.
- Maldonado-Torres, N. (2007): «On the coloniality of being: Contributions to the development of a concept», *Cultural Studies*, 21, 2-3, pp. 240-270.
- Mata, I. (2006): «Estranhos em permanência: a negação da identidade portuguesa na pós-colonialidade», *Portugal não é um país pequeno: contar o império na pós-colonialidade*, pp. 285-315. Lisboa: Edições Cotovia.
- (2016): «Um estranho em Goa: viagem transitiva a um Oriente em demanda», *Via Atlântica*, n. 30, pp. 131-149. São Paulo.

- Patrick, H., & Graham H. (2007): *Tourists with Typewriters: Critical Reflections on Contemporary Travel Writing*. Michigan: The University of Michigan Press.
- Rocha, D. (2017): «Nós somos portugueses. Portugueses da Índia: Identidade Pós-colonial em Um Estranho em Goa (2000), de José Eduardo Aqualusa», *Mulemba*, v. 9, n. 16, pp. 66-85. Rio de Janeiro: UFR.
- Said, E. (2004): *Orientalismo: Representações Ocidentais do Oriente*. (P. Serra, trad.). Lisboa: Livros Cotovia.

- Salgado, M. T. (2000): *José Eduardo Aqualusa: uma ponte entre Angola e o mundo*. In *África & Brasil: letras em laços*, pp. 175-196. Rio de Janeiro: Atlântica.
- Sampaio Melo, F. J. (2006): «A ambiguidade do discurso colonial: Um estranho em Goa, de José Eduardo Aqualusa», *Letras de Hoje*, v. 41, n. 3, pp. 111-116. Porto Alegre.
- Silva, M. (2015): «Anu. Lit. Florianópolis», v. 20, n. 1, pp. 213-227. <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7917.2015v20n1p213>